

## A construção de uma narrativa através de imagens de Dilma Rousseff na revista Exame<sup>1</sup>

Ester Muniz dos REIS<sup>2</sup>  
Ana Isabel de Castro Oliveira PASSOS<sup>3</sup>  
João Pedro Ramalho MARTINS<sup>4</sup>  
Cecílio BASTOS<sup>5</sup>  
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

### RESUMO

Este artigo traz uma análise de três fotografias de Dilma Rousseff presentes na edição nº 1109 da revista de economia Exame, veiculada em 16 de março de 2016. Percebemos no estudo que as três imagens e sua sequência na revista formam uma narrativa que conduz a observação do leitor a uma direção específica. O objetivo é mostrar como a fotografia é importante na formação da opinião pública e que ela não é disposta aleatoriamente nos veículos; sempre há uma intencionalidade da revista, mesmo que a intenção não coincida com a do fotógrafo. Para isto, nos baseamos no método de análise da imagem de Martine Joly (2012) e nas abordagens de Boris Kossov (2000; 2007) no que diz respeito ao papel cultural da fotografia e seu uso com propósitos políticos e ideológicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** análise de imagem; imagem; narrativa.

### 1. INTRODUÇÃO

A fotografia é muito mais que um simples recurso de ilustração, e muito mais que um retrato do “real”. É uma ferramenta com linguagem própria, que constrói e ratifica discursos, através de vários processos de escolhas intencionais de vários personagens, desde sua captura até seu tratamento e diagramação em um determinado veículo. Portanto, não pode ser olhada de modo “inocente” e deve, sempre que possível, ser objeto de análise crítica profunda.

Esta análise tem como objetos as fotografias da presidente Dilma na edição nº 1109, ano 50, nº 5, da revista EXAME. Trata-se de uma matéria de capa, publicada em 16 de março de 2016, que tem como tema a situação de instabilidade do governo Dilma diante da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios da Uneb, email: [ester.muniz.r@gmail.com](mailto:ester.muniz.r@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios da Uneb, email: [ana.isabel.passos.19@gmail.com](mailto:ana.isabel.passos.19@gmail.com)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios da Uneb, email: [joaoprimalhom@gmail.com](mailto:joaoprimalhom@gmail.com)

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo em Multimeios da Uneb, email: [cecilioricardo@gmail.com](mailto:cecilioricardo@gmail.com)

crise econômica e política, conforme será verificado no decorrer desta pesquisa. As fotografias analisadas são três: as que estão presentes na capa da edição, no sumário e, por fim, a fotografia da primeira página do corpo da matéria.

A escolha do tema desse artigo se deu pela percepção de que as imagens da presidente na revista cumpriam uma finalidade definida, a ser demonstrada ao longo deste trabalho. É importante ressaltar que são fotografias publicáveis, de forte valor jornalístico. Como o foco são as imagens, utilizaremos o método de análise de Martine Joly (2012) para abranger os signos plásticos, icônicos e linguísticos presentes em cada uma delas. Porém, antecipamos o resultado deste estudo ao dizer que a revista traz a construção de uma narrativa através das imagens escolhidas, explicitando a intencionalidade dos editores e direcionando a leitura para uma determinada interpretação. Para fundamentar esse argumento, faremos uso das proposições de Boris Kossoy (2000; 2007).

## **2. A REVISTA**

A revista Exame, da Editora Abril, nasceu em 1967 (EXAME, 2016b). Seu foco temático é economia e mercados financeiros, se estendendo a tecnologia, marketing, gestão, carreira, pequenas empresas, finanças pessoais e demais assuntos relacionados. Possui periodicidade quinzenal, com tiragem de 150 mil exemplares, sendo, segundo dados da própria revista, aproximadamente 115 mil assinaturas, chegando a cerca de 700 mil leitores. Hoje, sob a marca Exame estão a revista, o site Exame.com, e o anuário “Melhores e Maiores”, um ranking financeiro das grandes empresas do Brasil.

A matéria analisada versa sobre política, ao tratar da governabilidade da presidente Dilma Rousseff, reeleita em 2014. Como se trata de uma revista de economia, aborda os reflexos da instabilidade política nesse setor. Essa instabilidade teria sido provocada pelos escândalos revelados pela Operação Lava-Jato, que investiga casos de corrupção na Petrobras envolvendo políticos e grandes empreiteiras. A isso uniram-se as mobilizações popular e midiática, completando um cenário favorável à instauração de um controverso processo de impeachment, que até o fechamento desse artigo ainda tramitava no Congresso.

Há ainda a discussão sobre as perspectivas do que pode acontecer na economia brasileira. A matéria adota um discurso de dúvida a respeito da capacidade de a presidente sustentar seu mandato até o final. Expressões como “ela aguenta?”, “ingredientes que engrossam o coro contra Dilma”, “mais do que o presente, o futuro é prejudicado” e o

próprio título com uma única pergunta: “FIM?”, demonstram a tendência ao descrédito nas condições de sustentação do governo frente às crises econômica e política.

### **3. O MÉTODO: A ANÁLISE DE IMAGEM**

A análise das fotografias de Dilma Rousseff é baseada na compreensão de Martine Joly (2012) sobre a imagem e no método que ela propõe em seu livro. Em primeiro lugar, Joly entende que a imagem, acima de tudo, é dotada de um caráter analógico: ela é algo que possui semelhança com outra coisa. Em segundo lugar, se a imagem é construída por um processo de analogia, o que faz é representar algo. “Se ela parece é porque ela não é a própria coisa: sua função é, portanto, querer dizer outra coisa que não ela própria, utilizando o processo da semelhança” (JOLY, 2012, p. 39).

Portanto, enquanto signo, a imagem é predominantemente um ícone. Baseado na semiótica de Pierce, Nicolau et al. (2010) descrevem o ícone como um signo “que, em virtude de qualidades próprias, se qualifica em relação a um objeto, representando-o por traços de semelhança ou analogia.”

Em terceiro lugar, a autora destaca a heterogeneidade do seu objeto de estudo: aquilo que temos como “imagem” na verdade é composto elementariamente de três aspectos. Um desses elementos são os signos de fato icônicos (as pessoas, objetos, animais, etc. representados). Há também os signos plásticos, como cores, formas, textura; e, por fim, os signos linguísticos, verbais. Para Joly (2012), é a interação entre essas três categorias que produz a significação de uma imagem.

O método escolhido pela autora fundamenta-se justamente na apreensão dos sentidos presentes nos diversos signos que compõem a imagem. O principal objetivo desse tipo de análise seria descobrir mensagens implícitas veiculadas em quaisquer que sejam as mensagens visuais em estudo. O procedimento metodológico seria, então, o seguinte: primeiro, enumeramos os elementos presentes na mensagem visual, buscando atribuir-lhes significados estabelecidos por convenção ou hábito. Depois, segue-se a sintetização desses diversos significados, que, para Joly (2012), poderia ser considerada uma versão plausível desse conteúdo implícito.

Nesse processo, é preciso considerar algo fundamental: a maneira como o contexto (de produção, de recepção) condiciona a interpretação da imagem. Para Joly (2012), os diversos momentos de significação e ressignificação da mensagem visual são relativos, e

quem pretende analisá-la deve tencionar apreendê-los. Até mesmo o momento em que se dá a pesquisa deve ser levado em conta. A análise não pode, portanto, ser “inocente”.

O levantamento dos diversos signos que compõem a imagem é feito seguindo as categorias previamente estabelecidas por Joly (2012). Dentro dos signos considerados plásticos, a autora afirma ser importante analisar o suporte; a diagramação; o quadro (moldura); o enquadramento; o ângulo de tomada; a textura; a composição; as formas; as cores e a iluminação; entre outros elementos. A autora ressalta que esses signos são muitas vezes observados e apreendidos naturalmente; a função da análise é, então, tentar desvencilhar o olhar do natural, buscando compreender justamente os significados implícitos e que passaram despercebidos.

Já a enumeração dos signos icônicos ou figurativos compreende principalmente os motivos presentes na imagem, ponderando que sua presença na mensagem visual não é esvaziada de sentido. Assim, o que deve ser feito é entender, mais do que a razão ou a intenção que levaram à presença de determinado objeto na imagem, qual a contribuição de significado que cada um desses elementos dá à imagem.

Por fim, chega-se aos signos linguísticos: os textos verbais que acompanham a imagem, a exemplo das legendas ou das manchetes de capa de revista. Nesse ponto da análise, deve-se levar em conta a mensagem plástica presente nesses textos: tamanho da fonte, cor, espessura, disposição no espaço de veiculação, entre outros aspectos, buscando assimilar o significado dessas escolhas e sua importância no contexto em que a imagem está inserida. Além disso, a autora destaca que a mensagem linguística é fundamental no processo de interpretação da imagem, cumprindo uma função denominada por Barthes (apud JOLY, 2012) como ancoragem. Uma vez que a linguagem visual, por ser heterogênea, é polissêmica, a função das palavras que a acompanham seria a de indicar qual sentido adotar no processo de recepção.

Esse é o método do qual lançamos mão em nossa análise. Cada uma das imagens da presidente Dilma Rousseff foi submetida à “triagem” de seus signos plásticos, de seus signos icônicos e de seus signos linguísticos. Em seguida, buscamos entender de que modo tais elementos confluíam para uma mensagem “escondida”: o que essa imagem “comunica”? Ao final desse processo, então, pudemos compreender como essas mensagens implícitas constituíam uma narrativa acerca da situação da presidente em meio ao contexto político e econômico em que ela se encontra à época do lançamento da edição.

Para essa compreensão, lançamos mão das proposições de Kossoy (2007), que argumenta que a fotografia é um instrumento ambíguo de conhecimento. Um recurso com capacidade para informar e desinformar, para emocionar e transformar, denunciar e manipular, que pode se prestar aos mais interesseiros e dirigidos usos ideológicos. Para ele, “o papel das imagens é decisivo, assim como decisivas são as palavras.” (Kossoy, 2007, p.31)

Verificamos, portanto, que a disposição das três imagens em seus respectivos “lugares” na revista (capa, sumário e corpo da matéria) foi, obviamente, intencional. E, uma vez que compreendemos que a ordem em que se deu essa disposição e o diálogo dessas imagens com os textos que as ancoram contribuiu para a criação de uma narrativa “implícita”, é preciso entender de que maneira a imprensa se vale das imagens, sobretudo fotográficas, para fins políticos ou ideológicos. Para tal, de acordo com Kossoy (2000) é imprescindível que não se perca de vista que a fotografia, da captura à interpretação do receptor, faz parte de um processo de construção que deve passar pelo crivo do olhar crítico:

A aparência é a base da chamada evidência fotográfica. O objeto pode achar-se registrado tal como se apresentava em sua concretude; personagens podem aparecer sorridentes, introspectivos, cenários podem ser distorcidos, detalhes omitidos, tratam-se de pura encenação. A evidência não pode deixar de ser questionada. (p. 43)

Tendo a fotografia esse poder, a composição do recurso da imagem com o texto que a acompanha, conforme afirma Kossoy (2000), dá origem a um conteúdo transferido do contexto, criando “um novo documento criado a partir do original visando gerar uma diferente compreensão dos fatos, os quais passam a ter uma nova trama, uma nova realidade, *uma outra verdade*. Mais uma *ficção documental*” (p. 55 - grifo do autor). E mais:

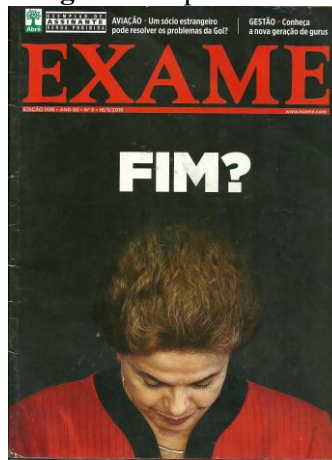
De uma forma geral - e, mais especificamente, em matérias políticas ou ideológicas - a imagem que será aplicada em algum veículo de informação é sempre objeto de algum tipo de “tratamento” com o intuito de direcionar a leitura dos receptores. Ela é reelaborada - em conjunto com o texto - e aplicada em determinado artigo ou matéria como comprovação de algo ou, então, de forma opinativa com o propósito de conduzir, ou melhor dizendo, *controlar* ao máximo o ato da *recepção* numa direção determinada: são, enfim, as interpretações pré construídas pelo próprio veículo que irão influir decisivamente nas mentes dos leitores durante o *processo de construção da interpretação*. (KOSSOY, 2000, p. 55 – grifo do autor)

Essas proposições de Kossoy (2000; 2007) serão constatadas no uso das imagens que são objeto da pesquisa para esse artigo e legitimadas nessa pesquisa pelo uso do método de Joly (2012).

## 4. AS IMAGENS E A NARRATIVA CONSTRUÍDA PELA EXAME

### 4.1 Fotografia de Capa - uma firmeza ameaçada

Imagem 1: Capa da Revista



Fonte: Revista Exame

O autor da fotografia (Imagem 1) é Adriano Machado, que em sua carreira profissional já passou por algumas agências internacionais, entre elas a britânica Reuters (ADRIANO, 2016), para a qual capturou a imagem em questão. Nela, vemos a presidente Dilma de cabeça baixa, tendo a expressão “FIM?” sobre si. Analisaremos agora os aspectos plásticos, icônicos e linguísticos que nos despertam a atenção.

A respeito dos aspectos plásticos, podemos perceber primeiramente a ausência de moldura. A fotografia é cortada pela borda inferior da página; assim, pela falta de moldura, completamos mentalmente a imagem. Seus limites superiores se confundem com o fundo preto da capa, portanto não é possível saber onde exatamente a imagem termina. O próprio cabelo de Dilma mistura-se com o preto. Esse recurso reforça a própria pergunta trazida acima: “Fim?”.

O modo como a imagem é enquadrada dá a sensação de proximidade. O plano é fechado, e o ângulo da câmera é normal, o que confere a sensação de que o observador encontra-se no mesmo nível da personagem; quem sabe de frente a ela. Essa proximidade é

somada à textura da imagem, que, por ser granulada, é tátil e indica que a presidente está acessível.

A composição da imagem orienta uma leitura inicial vertical descendente, devido a uma tendência de se procurar os olhos da figura humana presente na imagem. Assim, como a cabeça da personagem está voltada para baixo, acompanhamos seu movimento. No entanto, posteriormente, as formas do entorno do rosto dela aponta para cima, reorientando a leitura numa direção vertical ascendente, conduzida para o texto da capa. São linhas verticais, presentes no blaser, na gola, no cabelo e nas sobrancelhas arqueadas, que devolvem nosso olhar para o topo e “emolduram” a expressão que dá título à edição da revista. Além disso, as formas verticais, em nossa cultura, conotam firmeza, conceito facilmente associado à figura de um(a) presidente. Entretanto, na imagem, esse processo de significação entra em contradição com a postura cabisbaixa da presidente.

Na fotografia, a iluminação está concentrada no rosto da presidente, o que volta a atenção do observador diretamente para ela, contribuindo, portanto, para o direcionamento da leitura proposta pela imagem, já que procuramos primeiro pelos olhos da personagem. As cores predominantes na imagem são o vermelho e o preto. O vermelho, uma cor quente, remete ao partido político ao qual Dilma é filiada, e às ideologias políticas de esquerda. Já o preto contribui para a ideia de indefinição, mistério, obscuridade e imprevisibilidade, sugerida pela interrogação no texto da capa. Além disso, é importante ressaltar que o contraste entre o fundo preto e a cor branca usada no título foi utilizado justamente para atrair a este a atenção do leitor.

Além dos signos plásticos, outros componentes da mensagem visual são os signos icônicos. Alguns elementos chamaram nossa atenção. O primeiro deles é a parte superior de um blaser, que, em primeiro nível, nos faz visualizar mentalmente a imagem de um blaser inteiro, e, em segundo nível, remete a uma ideia de seriedade, comumente vinculada à posição presidencial. Já o cabelo da presidente, com suas formas verticais e seu volume, transmite as noções de poder, imponência.

O rosto da personagem, entretanto, está voltado para baixo. Essa postura coloca em xeque a ideia de firmeza que a presidente precisaria transmitir. O olhar, também direcionado para baixo, foge da câmera, e do leitor, e transparece um possível sentimento de submissão. A boca, contraída, conota conformação com a incerteza na situação política e econômica em que a presidente se encontra. Por fim, as linhas de expressão presentes em

seu rosto, que, em um primeiro momento, lembram a sua idade, também indicam o desgaste que ela teria sofrido.

Partindo agora para a análise dos signos linguísticos, observamos, inicialmente, que o texto da capa (“Fim?”) faz parte da imagem, já que esta não tem moldura na parte superior. Tanto a imagem de Dilma quanto o logotipo da revista conduzem o olhar, convergindo no centro da capa, onde se encontra o título. É escrito em uma tipografia grande, de grande espessura e na cor branca, contrastando com o fundo preto, o que causa um impacto imediato. Toda a incerteza gerada pela falta de delimitação das bordas superiores da imagem, aliada à condução de uma leitura vertical ascendente, culminam na pergunta estabelecida pelo título, cuja finalidade é reforçar a dúvida a respeito da governabilidade de Dilma e de sua capacidade de administrar a crise. Ademais, é importante destacar como a cor vermelha do logotipo, associada ao vermelho do blaser da presidente, reforça a ideia da imagem; e define, enfim, um limite para a leitura.

Levando em consideração o papel de ancoragem que os signos linguísticos assumem, percebemos como a pergunta do título conduz a interpretação para a sensação de dúvida. Além disso, é preciso considerar que o contexto comunicativo também contribui para isso; por ser a Exame uma revista econômica, e, por pressupor-se que o leitor acessará a edição vivendo a conjuntura político-econômica da qual ela trata, é esperado que haja uma compreensão rápida de a qual fim a capa se refere, e dos signos presentes na imagem de Dilma.

Ao trazer elementos que estão associados a poder, seriedade, imponência, a imagem inicialmente remete à posição de autoridade em que está a presidente. No entanto, faz oposição desses elementos a aspectos como submissão, incerteza, presentes também na interrogação que intitula a edição. Com isso, a capa da revista transmite uma ideia que, entendemos, configura-se como a primeira parte da narrativa construída: a de que a firmeza presidencial, outrora tão associada a Dilma, está ameaçada.

#### **4.2 Fotografia do sumário – o peso sobre uma presidente desprotegida**

A segunda imagem (Imagem 2) foi capturada pelo fotógrafo brasileiro Ueslei Marcelino. Ele trabalha na agência Reuters desde 2010, cobrindo principalmente temas ligados à política (REUTERS, 2016). Na fotografia, Dilma está em um ambiente com cores mais claras. Veste uma blusa branca, de tecido aparentemente leve, e seu rosto tem



expressão de cansaço. O pescoço, inclinado, traz um colar de pérolas. Ao fundo, desfocado, encontra-se o Brasão da República.

Imagem 2: Sumário



Fonte: Revista Exame

Outros aspectos compõem a mensagem plástica. O enquadramento em primeiro plano e a textura em grãos (tátil) voltam a transmitir a sensação de proximidade com a presidente; mais uma vez, ela está acessível. O ângulo de tomada lembra um contra-plongé, e aparenta capturá-la de baixo para cima; recurso comumente utilizado quando se quer conferir importância à personagem fotografada. No entanto, um segundo olhar percebe que o ângulo é normal, porém abaixo da linha dos olhos dela; o que, assim como na primeira fotografia, “nivela” as posições assumidas pela presidente e pelo leitor. Já a baixa profundidade de campo, constatada devido ao desfoque do fundo localizado atrás dos ombros da personagem, contribui para concentrar a atenção do leitor no primeiro plano, ocupado pela figura de Dilma.

A respeito da composição da imagem, verificamos uma leitura oblíqua descendente para a direita. Essa orientação, em nossa cultura, traz uma conotação de queda, esmagamento. Além disso, como, ao “lermos” a fotografia, buscamos os olhos da figura humana, somos levados a olhar nos olhos da presidente que, mais uma vez, encontram-se voltados para baixo. O colar e o decote da camisa acompanham a direção do olhar - todos apontam para baixo. Esses aspectos ratificam a mensagem que é iniciada na capa da revista pela primeira fotografia analisada e contribui para alimentar a dúvida a respeito do fim do governo Dilma.

Contribuem ainda, para essa interpretação, as formas da imagem. O colar e o decote em “V” na camisa são formas diagonais descendentes, que transmitem a ideia de queda e instabilidade. Além disso, há um contraste entre as formas fluidas e moles presentes no tecido da roupa da presidente, e as formas circulares contínuas do colar, que ultrapassam os limites da imagem; o que pode ser entendido como uma oposição entre uma possível leveza (na verdade, vulnerabilidade) da personagem e uma sobrecarga existente sobre seus ombros e pescoço que aparenta estar além de sua capacidade de suportar, conforme verificamos adiante.

As cores e a iluminação também são importantes no processo de análise da imagem. Nessa fotografia, a luz, mais difusa, vem de uma fonte posicionada acima da presidente, de modo oblíquo. Isso é percebido por causa da sombra que se forma logo abaixo do queixo. Essa orientação é semelhante à que está presente nos outros elementos da foto que orientam a leitura, o que ratifica a interpretação. A cor branca, predominante na imagem em questão, representa “frio” - traz serenidade, calma, resignação, conceitos que dialogam com a expressão no rosto da presidente e também com a legenda, elementos que serão analisados mais a frente. Ao fundo, percebemos as cores da bandeira do Brasil, em uma imagem desfocada que se assemelha à forma do brasão da República e remete ao cargo da personagem e à responsabilidade que ela tem. Pode-se observar, então, a pressão causada por toda essa responsabilidade sobre a presidente, e a dúvida com relação à sua capacidade de se manter no governo do país é mais uma vez alimentada no leitor.

Por último, dos aspectos plásticos, têm-se a textura. Mais uma vez granulada, principalmente no rosto, a imagem é tátil, o que contribui para a sensação de proximidade com a personagem. Esse aspecto também deu destaque às linhas de expressão no rosto da presidente, que se encontram em relevo e podem quase ser “tocadas” pelo observador. A ênfase nesses traços reforça a intenção da revista com o uso dessa fotografia: colocar em cheque a capacidade da presidente de superar a crise ao direcionar o leitor para uma fisionomia preocupada no rosto de alguém que deveria estar segura na posição que ocupa.

Seguindo a análise, listamos os signos icônicos presentes na imagem. Na parte superior esquerda da fotografia há um recorte de parte do cabelo da presidente. Mentalmente, a imagem é completada por quem a observa. O penteado tende para a lateral, e denota mais suavidade e leveza, diferentemente daquele presente na capa. Somado aos aspectos plásticos já analisados, esse signo reitera a ideia de enfraquecimento da figura presidencial.

No rosto, verificamos que a sobrancelha está arqueada e a boca contraída. É uma fisionomia absorta, de possíveis pensamentos distantes, em uma expressão de preocupação e, mais ainda, de conformação e resignação. As linhas de expressão, citadas anteriormente, bem como a pele, apresentam os sinais da idade e trazem, subentendidos, o cansaço e o desgaste, junto a noção de que a personagem estaria chegando ao limite do que pode suportar.

O tecido, de formas moles e leves, traz a noção de fragilidade, de uma presidente desarmada, em contraste com a presença das pérolas do colar, que representam uma carga sobre ela. A postura da personagem, que parece estar inclinada para frente por conta do peso, consolida a interpretação construída até aqui e que tem seu sentido completado pela legenda da imagem, examinada a seguir.

A legenda - aspecto linguístico - ancora o sentido da imagem e direciona a interpretação do leitor para o sentido exposto anteriormente: “**A PRESIDENTE DILMA ROUSSEF**: o agravamento da crise política levanta a dúvida - ela aguenta?”. O texto está escrito na cor preta, que se destaca na imagem de cores predominantemente neutras e que chama a atenção. Está posicionado na parte inferior da fotografia, para onde o olhar se dirige depois da leitura da imagem, na lateral esquerda. Ao acompanhar o sentido de leitura proposto pela imagem - oblíquo descendente para a direita - o número 84 em negrito, referente à paginação da revista onde se encontra a matéria, chama a atenção do observador de volta para o lado esquerdo da foto, onde a legenda está disposta.

Os componentes da mensagem visual, na segunda imagem, trazem uma presidente diferente daquela da fotografia de capa. Dessa vez, suas expressões conotam conformação; sua postura, cansaço; e o Brasão da República, fora de foco, indicam desproteção. Esse é o segundo elemento da narrativa contada pela edição da Exame: a presidente, agora desprotegida, tem sobre seus ombros um peso - o de suas responsabilidades - que não demonstra poder suportar.

#### **4.3 Fotografia da matéria - a saída quase consumada**

A fotografia da matéria (Imagem 3) tem o mesmo autor da imagem da capa, Adriano Machado. Nesta imagem vemos a presidente em pé, ao lado de uma porta de vidro. Dilma veste um blaser vermelho com detalhes pretos e calça e sapatos pretos. Na parte esquerda da página está o mesmo título presente na capa: “FIM?”, em tipologia preta e espessa, seguido por uma legenda. Do lado direito da presidente está a capitular em

vermelho e o primeiro parágrafo do corpo da matéria, bem como uma pequena caixa de texto em destaque na parte superior da mesma página.

**Imagem 3:** Corpo da matéria



Fonte: Revista Exame

A imagem ocupa toda a extensão das duas páginas que dão início à matéria. Foi diagramada com moldura apenas na parte superior - as laterais e a parte inferior não possuem moldura. Essa característica contribui para uma leitura integrada de texto e imagem por parte do receptor.

Ao contrário das duas imagens anteriores, que tinham o corte mais próximo do rosto da presidente, essa é ampla. Dilma está distante. O ângulo é normal, e o plano médio, que enquadra o corpo inteiro da personagem, explicita a intencionalidade do editor ao incluir os pés na fotografia: o sentido de dúvida de que ela conclua o mandato é completado - Dilma está em posição de saída, ao lado de uma porta.

A sugestão do movimento do corpo da presidente, percebida pela posição dos pés e da mão, faz com que a leitura seja horizontal, levemente oblíqua descendente para a esquerda. Além disso, seu olhar aponta para a mesma direção de onde o corpo a leva. Essa composição emoldura o título em negrito à esquerda da personagem. A direção do corpo da presidente e a sugestão do movimento de saída pela porta conduzem o olhar para o título: “FIM?”.

Colaboram ainda, para a construção desse processo de interpretação, as formas presentes na imagem. A leitura oblíqua descendente para a esquerda é confirmada pela gola do blazer e pela dobra do tecido ao lado da gola, que orientam o olhar para a parte inferior da página, onde se encontra a legenda. Contribui ainda para essa leitura a posição da perna

direita da presidente, que cria uma linha diagonal que se soma às outras formas e também emoldura o texto. Por último, há porta de vidro, por onde a presidente está saindo. Ela configura uma linha vertical que, em nossa cultura, traz a ideia de rigidez e firmeza. Na fotografia, trata-se, então, de um limite, uma fronteira rígida, que demarca um lugar que a presidente deixa, enquanto caminha para distante desse conceito de estabilidade e segurança.

Analisando as cores e a iluminação da imagem, percebem-se as mesmas cores da capa: branco, preto e vermelho. O vermelho remete ao partido ao qual Dilma pertence e aos ideais defendidos por ela e pelo partido. O contraste entre o branco e o preto chama a atenção para o título mais uma vez, além de facilitar a leitura. Facilita também a leitura oblíqua descendente para a direita a escolha da iluminação, que é lateral e cria um foco de luz no colo e no rosto da personagem. Ao contrário das duas primeiras fotografias, esta possui uma textura lisa, sendo, portanto, visual (menos tátil), e foi capturada em plano médio; além de a qualidade da impressão ser reduzida em comparação com as outras, o que traz uma ideia de distanciamento.

Podemos ainda observar os signos icônicos presentes na imagem, a começar pelo blaser e pela calça alfaiataria. Tratam-se de roupas sóbrias, que indicam a seriedade que se espera em um(a) presidente. O pé direito aparece apenas parcialmente, levantado, apontando um movimento que pode ser interpretado como saída. Essa saída é demarcada pela presença da lateral da porta de vidro na imagem, evidenciando que a presidente está deixando algum lugar.

Compõe também os aspectos icônicos a expressão facial da presidente. Os olhos vão em direção a um “vazio”, e a boca da personagem, novamente contraída, expõem sua impotência diante da situação econômica e política e fragilizam a imagem de força, firmeza e segurança que ela, como presidente, deveria inspirar nos brasileiros.

A análise da imagem é, mais uma vez, ancorada pelos signos linguísticos. O título da matéria - “FIM?” - foi diagramado em tipologia de grande espessura, grande e impactante, à semelhança do que acontece na capa da revista, porém, agora, com a cor preta. A imagem mais uma vez direciona o leitor para o texto, conforme demonstrado anteriormente, pois a sugestão do movimento de caminhada de Dilma emoldura a legenda - ela caminha em direção ao título e subtítulo da matéria, ou seja, em direção à interrogação sobre sua capacidade de governar. A interpretação é, mais uma vez, inclinada para a dúvida: seria o fim de seu mandato?

Há ainda a presença do elemento gráfico à direita da fotografia, que traz uma clara mensagem de dúvida e coloca como solução para o problema apresentado pela matéria uma “reinvenção urgente” da forma de governo. O teor da matéria, para o qual as imagens têm contribuição fundamental, deixa claro que se trata de um recurso “retórico”, que dispensa respostas, já que o argumento apresentado pela composição imagem-texto é de que essa reinvenção é quase impossível. A letra capitular em vermelho novamente faz alusão ao partido pelo qual Dilma foi eleita e a primeira frase cita o ex-presidente Fernando Collor de Melo e remete à situação parecida pela qual o país passou há alguns anos. Somando tudo isso à imagem, completa-se o quadro que leva o receptor a questionar se a presidente ainda consegue sustentar seu governo, ou se terá o mesmo destino de Collor, afastado da presidência em 1992 após denúncias de corrupção.

#### **4.4 A narrativa**

A disposição das imagens analisadas, ao longo da revista, foi fundamental para a construção de uma narrativa acerca da situação da presidente Dilma Rousseff. A estratégia da edição consistiu em distribuí-las nas seções seguindo uma ordem “padrão” de leitura: primeiro a capa, depois o sumário, e por último a primeira página da matéria principal.

Na fotografia de capa, percebemos na figura presidencial de Dilma uma proteção, uma firmeza necessária para governar um país, mas que já está ameaçada por um possível fim em curso. Ao passarmos para a imagem seguinte, vemos que o contexto político toma força e que a presidente perde sua defesa, se inclinando ainda mais perante o peso de toda a situação. Quando chegamos ao corpo da matéria, entendemos que, segundo a revista, o “FIM” provável dessa história é sua saída da presidência da República.

### **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A divisão metodológica da mensagem visual em signos plásticos, icônicos e linguísticos, proposta por Joly (2012), permite entender, através da análise das imagens, como cada aspecto sígnico contribui para essa mensagem, ao estar relacionado a um significado específico. No entanto, o próprio processo de análise mostrou que esses elementos não são “independentes”: estão intimamente relacionados e, às vezes, se confundem aos olhos do(a) pesquisador(a). De outra forma, não poderiam compor uma imagem “única”.

Ao contrário da captura das fotografias, seu uso editorial para uma intenção específica está além do domínio do fotógrafo, e isso se vê no fato de o periódico utilizar três imagens de dois fotógrafos diferentes com a finalidade de dizer que a presidente Dilma não conseguiria sustentar o país e sua economia na situação atual. Mais do que o sentido de cada uma das imagens, o veículo se preocupou com o que elas comunicavam juntas e na ordem e locais onde foram colocadas. A revista lança uma pergunta (“FIM?”) na capa, indica sua provável opinião no sumário e inicia sua resposta já na primeira página da matéria, tendo as imagens como importantes aliadas.

Assim, percebemos, por meio da edição da revista Exame, como o processo de comunicar através de imagens não se encontra necessariamente apenas na esfera daqueles que as capturam. Ele é conjunto, e seu resultado depende de fotógrafos, editores, diagramadores; enfim, todos os profissionais que de alguma forma atuem na cadeia de produção jornalística.

## REFERÊNCIAS

- ADRIANO MACHADO. **Sobre Adriano Machado**. Disponível em: <<http://www.adrianomachadofoto.com/#!sobre/cjg9>>. Acesso em: 24 abr. 2016.
- EXAME. São Paulo: Abril, n. 1109, 10 mar. 2016.
- EXAME. **Sobre**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/sobre/>>. Acesso em: 24 abr. 2016.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 14 ed. Campinas: Papirus, 2012.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 4 ed. São Paulo: Ateliê, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. 2 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- NICOLAU, Marcos; et al. Comunicação e Semiótica: visão geral e introdutória à Semiótica de Pierce. **Temática**, n. 08. Ano VI, ago. 2010.
- REUTERS. **Ueslei Marcelino**. Disponível em: <<http://blogs.reuters.com/uesleimarcelino/>>. Acesso em: 24 abr. 2016.